

## **CONHECIMENTOS, SABERES E DIMENSÕES FORMATIVAS DOS EDUCADORES DE PESSOAS IDOSAS: UM ESTUDO NUMA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE NO ESTADO DA BAHIA**

**Autora: Irlana Jane Menas da Silva**

*Universidade Estadual de Feira de Santana*

*irlanamenas@hotmail.com*

### **Resumo**

Este estudo científico busca entender quem são os educadores que atuam com idosos e como se apropriam dos saberes e conhecimentos da educação na prática pedagógica. Assim, o foco da análise dessa pesquisa incide sobre se os educadores reconhecem a autoformação em serviço decorrente de sua atividade na Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, de uma Universidade Estadual da Bahia. Esta pesquisa teve como objetivo geral entender se e como ocorre o processo de autoformação, no que concerne aos saberes, conhecimentos e às aprendizagens dos educadores no campo da gerontologia educativa ou educação gerontológica na atuação em universidade aberta à terceira idade.. Com este objetivo trilhou-se o caminho da pesquisa com abordagem qualitativa do tipo descritiva, através de entrevista estruturada como recolha de dados e de pesquisa bibliográfica, analisando como os educadores vivenciam suas atividades, a maneira como interpretam esses saberes e conhecimentos adquiridos na sua atuação e questões relacionadas com os saberes da experiência e do constructo teórico. Os resultados emergem como desafios a serem enfrentados, por conta da formação de educadores nessa área ainda não ser ponto crucial para se atuar com idosos. Então, destacamos como elemento conclusivo que os educadores apesar de construírem saberes e conhecimentos na convivência com os idosos, de modo geral não se apercebem da relevância da educação gerontológica para tornar o idoso protagonista do percurso educativo e ter como base a integração das dimensões formativas como campo propício à educação na e para a terceira idade.

**Palavras-chave:** Saberes e Conhecimentos; Envelhecimento; Educação Gerontológica; Universidade Aberta à Terceira Idade.

## INTRODUÇÃO

Estamos vivendo um período de transição de valores, ideias e pensamentos, inclusive em relação à concepção de envelhecimento. A longevidade está latente e demanda novo repensar sobre a velhice. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1994) considera idosas as pessoas que estão na faixa etária dos 65 e mais anos em países desenvolvidos e em países em desenvolvimento a idade de 60 anos e mais, como é o caso do Brasil. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no censo de 2010, indica que os idosos já chegam a 20,6 milhões no país, o que significa 10,8 % da população. Ao considerarmos este aspecto Oliveira (2010, p. 17) constata que o aumento da população dos idosos tem a ver, com:

1) redução drástica da natalidade, dado o uso generalizado de métodos anticonceptivos (mesmo o mais drástico, que é o aborto); 2) casamento tardio que já não permite ter filhos nas melhores condições; 3) novos valores (ou contra valores) da família que frequentemente, por razões de egoísmo ou comodismo, prescinde da prole; 4) várias condições sociopsíquicas adversas à natalidade, como o trabalho da mulher fora de casa, ou a falta de habitação condigna; 5) redução acentuada da doença e da taxa de mortalidade, devido aos avanços da medicina em diversos campos, como o da prevenção...[...]. Em todo o caso, o grande fenômeno do envelhecimento da população provém mais da baixa taxa de natalidade do que do prolongamento da vida, ainda que de algum modo, nos países desenvolvidos, seja compensada com o vasto fenômeno da imigração. (OLIVEIRA, 2010, p. 17)

O envelhecer de hoje pode servir de roteiro para o processo de envelhecimento dos jovens e crianças, pois dessa forma, os gerontes podem ensinar os valores que contribuíram para ter uma vida que é individual, mas que pode trazer experiências significativas para os outros. Alguns princípios podem vir a ser valorizados a partir da interação entre os gerontes e os mais jovens, como a dignidade, a autonomia, a cidadania, o desenvolvimento pessoal e coletivo, a participação política e social, a saúde, os direitos jurídicos e muito mais do que isso, o aprender a envelhecer.

Segundo dados do IBGE (2010) - Censo Demográfico 2010, a população total brasileira cresceu em 138 anos, quase 20 vezes, estamos com 190.755.799 habitantes. No decorrer do tempo houve declínio da taxa de fecundidade e da redução da mortalidade. Segundo o Censo 2010, atualmente, 24,1% da população brasileira é menor de 14 anos; em 1991, essa faixa etária representava 34,7% da população.

Outro fenômeno verificado é o aumento contínuo da representatividade de idosos: que significa 7,4% da população que têm mais de 65 anos, contra 4,8% em 1991. Ainda vamos nos surpreender, segundo o IBGE (2013), pois essa população com essa faixa etária deve passar de 14,9 milhões (7,4% do total), em 2013, para 58,4 milhões (26,7% do total), em 2060. O que pode interferir na qualidade de vida, se o governo e a sociedade não estiverem preparados para modificar o planejamento urbano, social, econômico e, principalmente preparar as pessoas emocionalmente para envelhecer.

Nesse contexto, a educação permanente tem um papel relevante, pois educar, dentre vários objetivos tem como finalidade a atualização e a aquisição de novos conhecimentos. Para isso, é importante que os educadores que atuam no campo da terceira idade se apropriem dos conhecimentos da gerontologia educativa ou educação gerontológica, o que nem sempre acontece, porque esta ainda é uma área não difundida na educação brasileira e, aparentemente, talvez não o seja em alguns outros países. Para que se cumpra a lei brasileira de desde a infância, as escolas tratem deste tema como conteúdo e na linha do conhecimento mais sistematizado, em universidades.

A importância da gerontologia educativa e da educação gerontológica, em particular, deve ser discutida e inserida nos currículos escolares por refletir esse novo modelo de sociedade. Para isso, será preciso formar os educadores, pois estes servirão como agentes de mudanças da história da educação permanente ou educação ao longo da vida no campo da educação de adultos idosos. Esses processos de mudanças possibilitam colocar o idoso como ser mais atuante, autônomo e independente. Decorre que este pode ser o protagonista de sua história que passa a ser visto de forma mais positiva, por ele mesmo e pelos outros.

A qualidade de vida deve ser a finalidade de todos nós, pois a longevidade já é um fato considerado como determinante e para se ter boa saúde é preciso ter garantido alguns princípios básicos de sobrevivência digna: moradia, alimentação, educação, saúde. Nesse sentido, de acordo com condições adequadas para uma vida saudável a Carta de Ottawa (1986) prenuncia: “mais do que ausência de doença, um estado adequado de bem-estar físico, mental e social que permite aos indivíduos identificar e realizar suas aspirações e satisfazer suas necessidades” (CARTA DE OTTAWA, 1986, p.1).

Como exemplo de trabalhos que comungam com essa linha de pensamento no que tange à questão social, de saúde e educativa, temos as universidades abertas à terceira idade, realidade existente em várias cidades do Brasil, e outros contextos geográficos no Mundo. Estas universidades que atendem essa população

promovem ações direcionadas para o envelhecimento em diversas áreas: econômicas, sociais e educativas, de acordo com as necessidades físicas, afetivas, cognitivas e de saúde dos idosos. Ao considerar estes fatores, evidenciamos o pensamento de Oliveira (2010, p. 18) que assinala:

Enquanto a Organização Mundial de Saúde há anos se propunha como objetivo aumentar a esperança de vida, hoje considera como desafio aumentar a expectativa de vida activa dos idosos, pois nas últimas 4 décadas do século XX a esperança de vida aumentou em mais de 10 anos para os homens e 12 para as mulheres, impondo-se agora dar a todos os idosos uma melhor qualidade de vida que passa por mantê-los activos. [...]. (OLIVEIRA, 2010, p. 18)

Nesse contexto, a educação permanente tem um papel relevante, pois educar, dentre vários objetivos tem como finalidade a atualização e a aquisição de novos conhecimentos. Para isso, é importante que os educadores que atuam no campo da terceira idade se apropriem dos conhecimentos da gerontologia educativa ou educação gerontológica, o que nem sempre acontece, porque esta ainda é uma área não difundida na educação brasileira e, aparentemente, talvez não o seja em alguns outros países. Para que se cumpra a lei brasileira de desde a infância, as escolas tratem deste tema como conteúdo e na linha do conhecimento mais sistematizado, em universidades, os cursos de Pedagogia já poderiam apresentar em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), o componente curricular relacionado com a temática da gerontologia educativa ou educação gerontológica, a fim de que os educadores pudessem acessar a saberes necessários na atuação com os idosos.

O interesse de estudar quais as dificuldades enfrentadas pelos educadores de idosos em relação aos conhecimentos sobre gerontologia educativa e educação gerontológica, bem como se estes educadores sentem necessidade de buscar estes conhecimentos e como abordam os que são pertinentes à sua área específica de atuação no Programa de Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, de uma Universidade Estadual da Bahia surgiu diante do trabalho de coordenação que realizava neste Programa. Programa em que se torna necessário fundamentar a educação para e na terceira idade, também a partir da formação contínua de educadores de idosos.

Seguindo o delineamento desse pensamento julgamos que o trabalho científico realizado tem pertinência porque constatamos, durante os anos em que trabalhamos na UATI na qual realizamos a atual pesquisa, juntamente com outros educadores, que a maior dificuldade é compreender e saber como lidar com o idoso no processo educativo. Diante desse fato fica evidente que, nesse contexto, as teorias

pedagógicas subsidiam a educação infantil à educação de jovens e adultos e há pouca inserção sobre os conhecimentos já existentes na área da educação para os idosos. Defendemos que facto relevante para se atuar na educação de idosos é referendar teoricamente estes saberes e conhecimentos, pois se os educadores não têm formação em educação de idosos para exercer seus trabalhos podem encontrar muito mais dificuldades na sua prática educativa.

Nesse aspecto as pesquisas realizadas por Tardiff (2012, p. 184-185), em relação aos saberes dos professores, são valiosas também para os educadores de idosos por refletir que:

O mínimo que se pode dizer é que essa noção de saber não é clara, ainda que quase todo mundo a utilize sem acanhamento, inclusive nós. O que entendemos exatamente por “saber”? Os profissionais do ensino desenvolvem e/ou produzem realmente “saberes” oriundos de sua prática? Se a resposta é positiva, por que, quando, como, de que forma? Trata-se realmente de saberes? Não seriam, antes, crenças, certezas sem fundamentos, *habitus*, no sentido de Bourdieu, ou esquemas de ação e de pensamentos interiorizados durante a socialização profissional e até no transcorrer da história escolar ou familiar dos professores (RAYMOND, 1993)? Se se trata realmente de “saberes”, como chegar até eles? Bastaria interrogar os professores? (TARDIFF, 2012, p. 184-185)

Na verdade, estas e outras questões podem ser também colocadas em relação aos educadores de idosos. Ou seja, e os saberes dos educadores de idosos constituem-se de quê? Existem nos educadores de idosos saberes oriundos da sua ação? Saberes esses que são usados na sua prática educativa? Se existem como foram produzidos e adquiridos? E, se não existem, como eles atuam de fato?

No processo de estudo desta pesquisa foram surgindo um conjunto de questões que pretendemos responder com a investigação realizada: quem são os educadores que atuam com idosos e no caso concreto na universidade aberta à terceira idade? O que fazem? Isto é, em que se concretiza a sua atividade? Que conhecimentos têm na área da educação e da formação de pessoas idosas? Como os educadores se apropriam dos conhecimentos da educação para embasar sua prática educativa na universidade aberta à terceira idade? Se não têm esse conhecimento específico proveniente da formação académica sobre a área da educação e da formação de pessoas idosas eles/educadores procuram de alguma forma adquiri-lo? Se não têm esse conhecimento, que dificuldades enfrentam na sua prática educativa? Como as resolvem, ou procuram resolver? Isso, o facto de não terem um conhecimento específico na área da educação de idosos, se constitui como um problema para eles/educadores ou não pensa sequer nisso?

Esse facto, o de irem trabalhar num local para o qual não têm preparação na sua formação académica e/ou contínua (referimo-nos à parte da gerontologia e da educação gerontológica) faz desse local de trabalho um contexto, uma fonte adicional de aprendizagem para os educadores? Faz desse local de trabalho um local de construção de saber que não tinham? Ou seja, esses desafios que se colocam aos educadores são de alguma forma fonte de construção de saber e de aprendizagem? Esse contexto de trabalho é/tem sido para eles educativo?

Essas e outras inquietações ajudaram a formular a principal questão de partida desta investigação sobre os educadores de pessoas idosas que pretendíamos estudar: estes educadores não tendo uma formação académica específica na educação de pessoas idosas, têm aprendido os saberes e conhecimentos (teórico-prático) úteis para a sua atuação como educadores de idosos?

No nosso modo de entender os saberes e conhecimentos podem ser desenvolvidos sem que tenhamos consciência da forma que operamos com estes e também os produzimos, mesmo que não tenhamos consciência dos quais são. A partir do momento em que aprendemos ou os apreendemos produzimos outros saberes com mais propriedade. Os saberes que produzimos são efeitos do que aprendemos. Ao mesmo tempo em que posso produzir os meus saberes e conhecimentos, também aprendo os saberes que os outros produzem.

Por isso, acreditamos que os educadores de idosos aprendem saberes com a experiência com os idosos, sejam da universidade ou da sua convivência familiar. Além disso, os educadores reproduzem saberes nessa interação, aprendem e apreendem, produzem saberes: com os estudiosos sobre o assunto, colegas da mesma universidade, os idosos, os intelectuais, os teóricos. Então, o que nos interessa também é entender a dimensão dos processos de produção de saberes que os educadores realizam na sua prática educativa e se são estes saberes que lhes tem ajudado a atuarem com os idosos.

Dela, questão de partida, resultaram, de imediato, outras sub-questões: se têm aprendido tais saberes e conhecimentos, como se tem desenrolado esse processo? Se não têm, por quê? Desta forma, esta pesquisa teve como objetivo geral entender se e como ocorre o processo de auto formação, no que concerne às aprendizagens de saberes e conhecimentos do campo da gerontologia educativa ou educação gerontológica, dos educadores de idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, de uma Universidade Estadual da Bahia/Brasil.

Os **objetivos específicos** são os seguintes:

1. Realizar uma caracterização deste tipo de educadores e da sua atividade.
2. Verificar se e quais são os saberes e/ou os conhecimentos (teóricos e práticos) que fundamentam a prática educativa dos educadores na terceira idade.
3. Descrever e explicar se e como os educadores que atuam na UATI têm aprendido saberes e conhecimentos referentes à gerontologia educativa/ou educação gerontológica.
4. Identificar e analisar as dificuldades encontradas pelos educadores na atuação com pessoas idosas.
5. Perceber se e como tentam ultrapassar tais dificuldades.

Os desafios destes objetivos implicam na formação de educadores de pessoas idosas como implementação de práticas pedagógicas que resultem na autonomia e participação social do idoso, bem como o reconhecimento de suas competências.

## **II O ITINERÁRIO DA METODOLOGIA DA PESQUISA**

Esta pesquisa de natureza qualitativa e abordagem descritiva tem na UATI a sua fonte de dados. Nesse sentido, Chizzotti (1991, p. 79) avalia que “a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real, o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. O conhecimento sempre está conectado por uma teoria explicativa e aquele que pesquisa se torna parte integrante do processo de conhecimento ao interpretar os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

A pesquisa foi consagrada como estudo de caso em uma Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, no sentido de buscar evidências sobre se e como os educadores se apropriam dos saberes e conhecimentos necessários para a realização de suas atividades. Além de investigar se aprendem ou não estes saberes e conhecimentos a partir de seu processo de auto formação e caso isso aconteça, queremos saber se os educadores têm conhecimento da gerontologia educativa ou educação gerontológica para exercer sua função. A escolha aconteceu por ser este um ambiente que atua diretamente com a terceira idade há mais 23 anos e tem na sua história marcas do reconhecimento de ter sido a instituição promissora na cidade onde se localiza.

## **III APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

Parece ficar claro que os educadores não situam as suas atividades, a partir de saberes e conhecimentos da educação gerontológica, segundo Martin (2013, p. 210) “Qualquer intervenção gerontológica deve basear-se na ‘dignidade’ dos seus destinatários, como uma forma de reconhecimento do valor em si mesmo da pessoa, na sua condição humana e merecedora de respeito”. Na continuidade do pensamento do autor, fica evidente que “Ou seja, a atenção dada pelos profissionais gerontólogos ou gerantogogos aos idosos implica a conjugação da sua autonomia e da sua independência”. Estes princípios gerontológicos seriam incorporados mais enfaticamente se os educadores puderem dimensionar sua prática não somente em exercícios físicos quando se referem à sua oficina, mas no contexto da gerontologia educativa e educação gerontológica.

É preciso dar a pessoa idosa voz dos seus desejos, planos e objetivos. Os educadores podem exercitar conjuntamente como saber e aplicar os seus direitos de cidadania participativa e ativa nas decisões, além de manter o aprender a ser, a fazer, a conhecer, a desaprender como desafios para os idosos e, conseqüentemente, para os educadores.

A partir destes aspectos Cachioni (2003, p. 216) se posiciona afirmando que as Universidades Abertas à Terceira Idade oferecem benefícios aos idosos, pois é um espaço que possibilita “A interação entre essas gerações é em grande parte responsável pela busca de conhecimentos básicos sobre velhice e de aprimoramento de habilidades para lidar com os idosos”. Em continuidade a esse pensamento, a autora reafirma que as universidades para a terceira idade “ainda não oferecem um espaço educacional especialmente delineado para atender essas necessidades, os professores tendem a aprender informalmente uns com os outros, e em contato com a prática”. O que podemos considerar como o processo de auto formação em serviço.

#### **IV A CHEGADA POR CONCLUIR....OU RECOMEÇAR**

Apesar de não terem acesso aos saberes e conhecimentos da educação gerontológica, os educadores positivamente legitimam a liberdade consciente de escolher práticas educativas valoradas pelos novos conceitos sobre o envelhecimento. Desse modo, o envelhescente pode ser mais bem aceito na sociedade. Assim, vê-los com naturalidade e acima de tudo, perceber que estas pessoas são capazes de aprender coisas novas, de exercitar a cidadania, de avançar nos seus potenciais e realização pessoal seria o ideal.



No âmbito do espaço educacional será necessário encaminhar um conjunto de ações adequadas aos princípios da educação gerontológica em cujos objetivos estejam coadunados o sentido crítico, reflexivo e transformador do papel do educador. A aquisição ou permanência da autonomia consciente refletirá na capacidade do educador de fortalecer o potencial criativo da pessoa idosa e construir amorosamente as representações e oportunidades sociais que emergem das exigências da cidadania. Os educadores adquiriram saberes e conhecimentos na sua atuação com os idosos e no contexto da sua ação educativa apropriaram-se de conteúdos de competência pessoal e profissional baseados em valores sobre o processo de envelhecimento.

Ser educador de pessoas idosas é uma tarefa que exige agir em defesa dos direitos dos idosos e refletir sobre as dimensões dos saberes e conhecimentos pedagógicos que alicerçam sua ação docente, os saberes disciplinares que são marcados pela conjunção de fatores já analisados, os saberes curriculares que predominam nas normas e os saberes de sua experiência que valida o seu fazer.

Nesse sentido faz parte deste estudo tornar evidente que para incorporar a Gerontologia Educativa e Educação Gerontológica na formação do educador será necessário compreender as modalidades em que estas se inserem como disciplina específica na atuação com os idosos. Assim, temos a sugestão de que é necessário exercitar uma formação de educadores que contemple os eixos: 1 – Educação de e com os idosos; 2 – Educação sobre e para o envelhecimento; 3 – Formação em gerontologia: educação gerontológica.

Apontamos algumas pistas para que outros caminhos/investigações possam ser percorridos como: a interface da concepção crítico-reflexiva para propor um modelo de formação de educadores para atuar na e para a educação na terceira idade com demandas sobre as dimensões formativas, por meio da educação gerontológica com base na problematização do processo de envelhecimento; a intervenção educativa sobre o que tem sido discutido na educação básica para cumprir as exigências do Estatuto do Idoso; a reflexão nos espaços das universidades abertas à terceira idade de compartilhamento de experiências entre educadores e idosos; a efetivação da participação do idoso como protagonista de seu processo de educação.

Enfim, que alguns passos sejam dados em busca de melhorar a formação do educador em relação à qualidade de ensino e aprendizagem em um processo dinâmico e reflexivo sobre o envelhecer e sua presença marcante em cada um de nós.

Na estrada da vida percorremos muitas paisagens, muitas belezas, diferentes culturas, modos de ser, pensar, sentir e agir. Ao fazer o percurso nem sempre significa encontrar alegrias e, sim desafios e possibilidades que sugerem medo, indignação, falta de confiança, desavenças, limites e imprevistos. Assim, formamos nosso caminho e enquanto educadores tentamos nos tornar críticos e reflexivos a fim de tornar a prática educativa espaço de transformação e de ajuda mútua.

Na interface com esta pesquisa abrir o roteiro sem imaginar os diversos e emblemáticos caminhos que iria percorrer assim se fez e assim dentro da pesquisadora existe a certeza de mudanças, por fora a certeza do envelhecer.

## Referências

Brasil. IBGE (2010), <http://blog.planalto.gov.br/censo-2010-populacao-brasileira-esta-mais-velha-echega-a-190-755-799>. Acesso: 20/08/2015. Brasil. IPEA. GOV.BR., (2010), disponível em: sites/000/2/publicacoes/tds/ d\_14

Brasil. IBGE. (2010). Disponível em [http://www.ibge.com.br /home/mapa\\_site.php#populacao](http://www.ibge.com.br/home/mapa_site.php#populacao).

Cachioni, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Ed. Alínea, 2003.

Carta de Ottawa para Promoção da Saúde. **1ª Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**. Ottawa: Canadá, 17-21 Novembro de 1986.

Chizotti, Antônio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez. Editora, 1991.

Martins, Candeias Ernesto. **Gerontologia. Gerontagogia. Animação Sociocultural em Idosos**. Lisboa : Editorial Caritas, 2013.

Oliveira, José Henriques Barros de. **Psicologia do Envelhecimento e do Idoso**. Porto: Legis, 2010.

Organização Mundial da Saúde. **Declaração elaborada pelo Grupo de Trabalho da Qualidade de Vida da OMS**. Publicada no glossário de Promoção da Saúde da OMS de 1998. OMS/HPR/HEP/98. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 1994.

Tardif, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.